

ATUALIDADES DO VELHO HABACUC

1. HABACUC NO TEMPO E NO ESPAÇO

1. Todas as citações de Habacuc faço-as conforme a organização textual da *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart, Deutsche Bibelstiftung 1977. As traduções do profeta são de minha autoria.

Velho Habacuc porque defendo que tenha exercido seu ministério no espaço compreendido entre 609 e 597aC. O seu texto profético nada traz de explícito quanto a essa datação. Por exemplo, seu primeiro sobretítulo, em 1,1, ¹ reza tão genericamente: “o oráculo que contemplou Habacuc, o profeta”. E o outro, em 3,1, não traz diferenças significativas no que respeita ao mesmo aspecto, “prece do Habacuc, o profeta, na qualidade de lamentações”.

É verdade que em 1,6a (“eis que estou suscitando os caldeus, a nação cruel e impetuosa”), menciona-se explicitamente o império babilônico, e o próprio texto citado leva a entender que esse povo *está para* intervir. É também verdade que tenho “os caldeus” como adição posterior ao texto, como fruto de uma segunda mão que já quis interpretar a profecia, deixando, por conseqüência, vestígios de sua datação. Desse modo, esse elemento indicativo, ainda que adicional, de que a nação caldéia ainda não entrou plenamente em cena, no que diz respeito a Judá, tem-se constituído num dos referenciais em que me baseio para propor essa datação supramencionada.

E proponho a hipótese de 609-597 porque acredito que o chão histórico que gerou a situação de desespero no interior do reino de Judá, contra a qual o profeta grita (Hc 1,2-4), e para a qual busca uma saída, foi o pisado e cultivado pelo rei Joaquim. E este ocupou o trono exatamente naquele mesmo tempo que proponho para o ministério de Habacuc. E, explicitar um pouco mais a significação daquele momento histórico, vai ajudar a entender a proposta do profeta.

Em 612aC, cai Nínive, a capital do grande e terrível império assírio que desfechou o golpe de graça que pôs fim ao reino de Israel ou do Norte. Aquele império causou feridas profundas também no reino de Judá. E para o objetivo específico de se compreender Habacuc, o que particularmente importa é que

se tratava de um império altamente *intervencionista* nos destinos de outras nações.

Em 609, ocorre também a passagem do faraó Neco II (610-595) pela ponte siro-palestinese. Este pretende ir em auxílio dos remanescentes assírios, formando com eles uma coalizão que pudesse fazer frente à nova estrela que emergia exuberante no horizonte, o império medo-babilônico. Jogo de forças internacionais, buscando impor supremacia, rasgando espaços de dominação. Acontece que o então rei de Judá, Josias (640-609aC), não queria abrir mão de também se valer do vazio de poder que os assírios estavam deixando, e dava asas à sua imaginação e ambições. E alimentava e gestava a pretensão não só de emancipar-se, mas até de expandir seu próprio reino, enquanto pudesse, restaurando o antigo império de Davi e de Salomão. E assim, Josias tenta barrar Neco II em Meguido, impedindo que fosse somar forças com aqueles assírios sob Assur-uballit.

Contudo, Josias colhe uma fragorosa derrota e até a própria morte em Meguido. Ainda, o que realço como diretamente significativo para a compreensão de Habacuc, é que no caso de Neco II, trate-se uma vez mais de um império igualmente *intervencionista*.

No entanto, em 605, na batalha de Carquemis, toca ao Egito beber o cálice da derrota, frente aos babilônios, já sob o comando de Nabucodonosor. Desse modo, em breve espaço de tempo, o domínio da ponte continental siro-palestinese passa das mãos assírias para as egípcias e vai terminar nas mãos babilônicas. E assim, no que tange aos destinos internos de Judá, está quase às portas e já fazendo sentir seu alto poder de pressão, o emergente império neobabilônico, e, também este, por definição, *intervencionista*.

2. A TEOLOGIA TRADICIONAL DOS PROFETAS

Bem, até aqui o que persegui diretamente foi explicitar que se trata, de fato, de um *velho* profeta. Mas, qual é a sua proposta, e em que sentido esta é ainda *atual*? A situação interna do reino de Judá, não só sob Joaquim, mas sobretudo por sua direta responsabilidade, que ele compartilha com demais integrantes das classes superiores e mandantes, é de extrema gravidade a pesar sobretudo nos ombros já esfolados daquela parcela da população que identifiquei como o *povo dos pobres e oprimidos*.

Habacuc condensa em violência-*hamaç* essa situação intestina (1,2b; cf. v.3b). Mas essa violência faz-se escutar de outra não menos terrível para os mesmos oprimidos. O aparato jurídico, uma das mais importantes instâncias de apelação, pretensa-

mente a serviço e ao alcance especialmente dos menos influentes na sociedade, está desfacelado, inoperante, ao menos a favor daqueles oprimidos.

Joaquim derramou muito sangue inocente (2Rs 24,4); é censurado por Jeremias porque foi um rei brutal, injusto e amante do fausto (Jr 22,13-19). É sobretudo conhecido o episódio ocorrido no palácio real (Jr 36), a leitura do rolo contendo os oráculos de Jeremias, que Joaquim despedaça e queima. A palavra profética não lhe faz medo,² (é) um ímpio para com Deus e um perverso para com seus súditos.³

Parece datar-se dos primórdios do reinado de Joaquim, a construção de um novo palácio para si, *na falta de dinheiro, através de injustiças,*⁴ quando ainda vassalo de Necao II. Realmente, o tributo pago ao faraó esvaziara o tesouro e sangrara o país (2Rs 23,34-35). Insatisfeito com o palácio que seu pai Josias edificara, constrói um outro mais luxuoso e pior, esbanjando dinheiro. E para levar a cabo tal empreendimento, sem escrúpulos nem constrangimentos, impõe ainda, sobre seus compatriotas, este novo fardo do trabalho forçado em suas construções. É o que parece aflorar em Jr 22,13-17. *Joaquim provou ser um monarca inescrupuloso e opressor, amante do luxo e que perseguia os próprios interesses.*⁵

O quanto Jeremias detestava Joaquim, pode-se apalpar neste seu sinistro oráculo que arremessa contra ele. *Por isso, assim diz Javé a Joaquim, rei de Judá, filho de Josias: ninguém vai chorar por ele dizendo: ai meu irmão, ai minha irmã! Ninguém vai chorar por ele: ai meu senhor, ai majestade! Ele será sepultado como jumento, será arrastado e jogado fora, longe das portas de Jerusalém (Jr 22,18-19), pois com ele, a injustiça e a morte de inocentes voltaram a reinar (cf. também 2Rs 23,27; 24,4).⁶ É, sim, a violência do sistema, dentro do qual o povo perde ou vê comprometida a própria vida, para sustentar o luxo e os caprichos da elite dominante.*⁷

Esta é a situação vigente em Judá, que interpreto como sendo o palco da vida, e assim, da atuação profética de Habacuc. Situação que, a urgir na análise, perceber-se-á que não difere muito em todo o peregrinar da humanidade, seja naquele remoto e anterior ao reinado de Joaquim, seja neste que o sucedeu até tornar-se o nosso, nos dias que correm! Assim não é sua situação vital que confere ao profeta ares de particular especificidade ou atualidade. O que ocorria em seu tempo, repete-se, e sem nenhuma originalidade, em tantos países de hoje, na América Latina, no Brasil. De fato, a *atualidade* de Habacuc, detecto-a sim na postura que ele assumiu naquelas condições em que vivia, e particularmente na saída que vislumbrou, defendeu e propôs para aquele sofrimento do povo pobre e oprimido.

2. Sigfried HERRMANN. *Storia di Israele - i tempi dell'Antico Testamento*, p.370.

3. Américo CEPPI. *História do povo de Israel*, p.184.

4. Luis ALONSO SCHÖKEL. *Profetas I*, p.418.

5. James MUILENBURG. *Jeremiah the Prophet*, p.826.

6. Daniel M. SALAZAR. *De la protesta a la alabanza - analisis semiótica del libro de Habacuc: la esperanza como el eje de sentido*, p.162.

7. Euclides Martins BALANCIN e Ivo STORNILOLO. *Como ler o livro de Habacuc*, p.12.

Havia a leitura teológica da história que buscava uma solução que conferisse alguma legitimidade para o sofrimento que tantas vezes se seguia à experiência de infidelidade do povo eleito. Assim, para vários profetas, aquele sofrimento não passava geralmente de castigos, vistos então como a paga por alguma infidelidade (Os 5,10; Is 9,11; Ez 5,15), *uma comunidade moral e religiosamente corrupta não pode escapar de maneira nenhuma das conseqüências de sua corrupção... É da vontade de Deus que o mau pereça, e pereça pelos seus próprios vícios.*⁸ *O Santo de Israel não pode tolerar o pecado no povo que escolheu.*⁹

E para implantar essa sua justiça punitiva e educativa, ainda conforme a leitura profética da história, desde Amós (6,14; cf. 3,11) e sobretudo a partir de Isaías, Deus se serviria das nações inimigas. Dava-se então o reverso do papel de Israel na guerra santa. O povo não mais seria o parceiro e aliado de Javé, saindo com este à luta contra essas nações. Bem ao contrário, Deus convocaria essas nações contra o seu povo.¹⁰ Estas atuariam então como instrumentos da ira divina, com a função de educar o povo (cf. Is 8,6-8; 10,5; Jr 1,13-16; 27; 34,19-22; 50,20-23; Am 4,6-11¹¹, *declarado de forma rígida, alguns profetas chegaram à conclusão de que seria justo igualmente, e possivelmente mais proveitoso, afinal de contas, para Israel e Judá, serem submetidos a opressores estrangeiros do que para o povo israelita ser esmagado e desencorajado por opressores israelitas nativos.*¹²

Torna-se mesmo clássica a expressão que Isaías, em 10,5, faz destilar dos lábios de Javé, com referência à Assíria, *“vara da minha ira, bastão do meu furor posto em suas mãos”*.¹³

Essa teologia da história é perceptível também em Sofonias (cf. 3,6-8), profeta que, a meu ver, era se não contemporâneo de Habacuc, ao menos o teria precedido por pequeno espaço de tempo. Outro que também atuou naquele mesmo período, foi Jeremias. E este, em 27,6-8, chega inclusive a fazer que Javé chame Nabucodonosor, de *“meu servo”*, ao qual ele pretende submeter todas as nações, num julgamento que se constituiria numa transição purgativa para nova vida.¹⁴

3. UMA NOVA PROPOSTA TEOLÓGICA

E o que me soa como de grande e mordente *atualidade* em Habacuc, é a sua atitude de soberana autonomia frente à tradição. Não é porque simplesmente o precedeu, não é porque foi defendida e proposta por antecessores de renome, que Habacuc a aceita e passa à frente como a recebeu. Não, ele se posiciona com muita liberdade ante o passado e sua tradição. Desse modo, põe-se incondicionalmente contra (1,12-17) aquele

8. John L. MCKENZIE. *Os grandes temas do Antigo Testamento*, p.188.

9. Xavier LÉON-DUFOUR. *Ira*, col.451.

10. Cf. E. John HAMLIN. *Nations*, p.519.

11. Cf. Joseph PIERRON e Pierre GRELOT. *Nações*, col.640; Xavier Léon-Dufour. *Ira*, col.452.

12. Norman K. GOTTWALD. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*, p.352.

13. Cf. também Edmond JACOB. *Théologie de l'Ancien Testament*, p.93; H. RENCKENS. *A religião de Israel*, p.199; John L. MCKENZIE. *Os grandes temas do Antigo Testamento*, p.185; G.B. GRAY e J. MUILENBURG. *Book of Isaiah*, p.426; Claus SCHEDL. *Geschichte des Alten Testaments*, p.327; Shalom M. PAUL. *Prophecy and Prophecy*, col.1165.

14. Cf. Hans Walter WOLFF. *Bíblia Antigo Testamento - introdução aos escritos e aos métodos de estudo*, p.88.

recurso, tido até então por divino, o *intervencionismo estrangeiro armado* como instrumento de que Javé se serviria para punir desmandos no seio de seu povo eleito (1,5-11).

De fato, a deplorável violência-*hamaç* sintetizava para o profeta o sofrimento intestino impingido ao povo pobre e oprimido, aos *justos*, no interior do povo eleito. E para o profeta, era a mesma violência-*hamaç* que se constituía no objetivo maior daquela nação estrangeira, pretensamente suscitada por Javé para aquela abominável missão intervencionista: “todos para violência-*hamaç* vêm” (1,9a).

Todavia, não será apenas *outra* violência-*hamaç*, mas uma violência bem mais potente, até *inacreditável* (1,5bβ), pois trata-se da “nação cruel e impetuosa... terrível e amedrontadora” (v.6aβ.7aα), seus cavalos e cavaleiros “são mais velozes que panteiras... mais mordazes que lobos vespertinos... voam como água precipitando-se para devorar... plenitude de suas faces (está voltada) para a frente... ela dos reis debocha... de toda fortaleza se ri” (v.8a. cβ.9bα.10aα.bα), renova fôlego após cada investida (v.11a). Se a violência-*hamaç* interna manifestava-se já num grito de desespero endereçado a Deus (v.2bα), quanto de sobrecarga e de acréscimo não se constituiria essa violência maior para quem já penava tanto!

E nesse contexto, eis Habacuc, o profeta que já em seus velhos tempos, soube dessacralizar a tradição que o precedia. E a dessacraliza ao menos em seu caráter de validade absoluta, e em sua validade alicerçada em autoridades eminentes. Soube, à luz dos sinais dos tempos, e mais, dos sinais *do seu tempo*, não mais aceitar a leitura e proposta teológicas de um Isaías! A revelação ou experiência de fé é histórica, e por isso, progressiva. Por isso mesmo, a interpretação ou leitura que se faz da mesma, é igualmente histórico-progressiva. Nada de estatismo absoluto da tradição, defendido seja por quem for!

E aqui está outro elemento de sobeja atualidade de Habacuc. Ele lê a história dos oprimidos sim, mas *a partir deles mesmos*. Ele se apresenta como constituindo-se num *nós* com eles: “espero por dia de angústia a sobrevir para povo (que) *nos* assalta” (3,16c). Mas é tamanha essa sua identificação com eles que o que cabe a eles- oprimidos de amargura nessa situação de violência-*hamaç* interno-externa ou nacional-intervencionista, ele o padece em primeira pessoa: “seus guerreiros precipitaram-se para *me* dispersar” (v.14aβ-bα). E nesse mesmo versículo (14bα-β), ele proclama a sua identidade sócio-econômica, isto é, a identidade de seu grupo de pertença: “o júbilo deles” (dos ímpios) “como eles para devorar um *miserável* no esconderijo” ou às escondidas.

Desse modo, a meu ver, foi determinante para que Habacuc rejeitasse a leitura teológica *tradicional* que se fazia da história, e assim, também a saída *estrangeiro-intervencionista* que há tempo

se vinha propondo para situações de violência interna, o fato de ele ser um dos *miseráveis*, um dos que mais sofriam com esse *assalto* estrangeiro, tido por solução divina para aquele prévio *assalto* que sobretudo eles-oprimidos já padeciam internamente. Igualmente determinantes, a meu ver, foram os sinais do *seu tempo*.

Com muita probabilidade, ele em pessoa, ou, no mínimo, muitos dos que o rodeavam, viveram duas experiências de *intervencionismo estrangeiro* (a assíria e a egípcia), e... o que o povo, sobretudo os pobres lucraram com isso? E agora eles vislumbram como iminente uma terceira edição de idêntica experiência. Haveria coração que ainda acreditaria em sua validade, que ousaria atribuí-la à iniciativa e planos de Javé? Daí emergiu para ele a luz capaz de o levar a ver e ler diferente de como se lia até então.

4. A ESPERANÇA QUE SE CHAMA CONVERSÃO RESPONSÁVEL

Não fosse ele um profeta *periférico*, identificado com as bases, não fosse ele um a mais a partilhar da mesma sorte das camadas sociais mais vergadas pela carga de toda situação de opressão, não fosse tal, poderia continuar pensando como alguns profetas, parceiros seus de ministério. Poderia, ao menos com alguns deles, estar mais próximo das altas instituições constituídas, e assim, ter sua leitura da história *comprometida* com esse seu contexto vital.

Na verdade, até onde uma instituição, por mais boa intenção de que queira impregnar-se, no fundo não se vê, por ser instituição, antes de tudo, enquanto instituição? E enquanto tal, não lute pela manutenção do *status quo*, e assim se ponha, na prática, contra mudanças radicais, porque viriam, é verdade, para o bem dos mais necessitados, mas ao preço e ao risco da desestabilização da própria instituição? Às vezes, o menos injusto — para não dizer o justo — não emerge, e não seria exatamente porque quem teria força de pressão transformadora, de fato não pressiona porque o novo, o justo, viria sim, mas constituindo-se em risco para a instituição que lhe dá abrigo?

Lendo a história com os olhos dos oprimidos, filtrada pela sua experiência pessoal de opressão, agora sim, é de fato divino para o profeta, e ele o lê e interpreta enquanto tal, tudo o que irrenunciavelmente signifique vida, esperança, libertação, certeza de dias menos ruins para os mesmos oprimidos. Para estes que, uma vez mais, são vistos, no interior do povo eleito, como o povo de Deus, por excelência: “saíste para salvação de *teu povo*” (3,13ac).

Por isso, mesmo mediações de salvação, de atuação libertador-salvífica de Deus a favor de seu povo, que um dia possam ter exercido devidamente essa sua nobre missão, se não

mais se prestam para tal, já não mais são divinas, fazem-se inteiramente descartáveis. É o que, a meu ver, ocorre com a monarquia, aos olhos de Habacuc; e certamente conforme aos seus anseios, aos olhos dos oprimidos de seu tempo.

Certamente foram determinantes para essa leitura e conseqüente atitude do profeta, os séculos de experiência da monarquia, no decorrer dos quais ela jamais preencheu convincentemente seus objetivos específicos de ser essa mediação da ação libertador-vivificante de Deus a favor de seu povo, e no interior deste, em prol daquela *sua parcela mais sua*, que eram os oprimidos. E com mais certeza, constituiu-se na gota d'água a fazer transbordar o cálice da paciência, da esperança e da fé na monarquia, o então reinado de Joaquim.

Detecto essa dispensa da mediação monárquico-davídica, já na crítica ao ímpio-*raxa'* interno (sobretudo 1,2-4) que, a meu aviso, fustiga diretamente a esse rei de turno como sendo dos maiores responsáveis pela situação de violência-*hamaç*. Mas creio que o profeta sele essa sua ruptura com semelhante mediação, em 3,13a: "saíste para salvação de *teu povo* para salvação com o *teu ungido*" ou messias. Por força do paralelismo interno desse semi-versículo, *teu povo* vem comparado, digo mais, equiparado a *teu ungido*. E *teu povo*, essa parcela de seu povo, por definição, necessitada de salvação ("saíste *para salvação* de teu povo") é ninguém menos que os próprios oprimidos.

E, de mais a mais, subsiste uma lógica nessa proposta: ninguém, melhor que os oprimidos, experimenta, e por isso, lê e entende a opressão. Ninguém mais do que eles — e por que não dizer com todas as letras? — ninguém senão exclusivamente eles próprios, é que se sentirão vitalmente movidos a lutar pela reversão da situação de opressão. Pois numa situação de opressão, quem não é oprimido, ou é omissos (absolutamente nada lhe diz respeito!) ou é opressor que tira proveito da dor alheia, proferindo o *status quo*.

Então, por um lado, Javé tem um sonho e um plano de libertação e de vida para todos e particularmente para este seu povo especialmente seu, os oprimidos. Por outro, unicamente nesse povo especialmente seu, é que ele encontrará, na história, braço forte que seja o seu braço, a sua força e seu plano imprimindo novos rumos na mesma história.

As instituições não se auto-justificam pelo simples fato de serem instituições. O seu critério de validade, que o profeta detecta na experiência, e que proclama como sendo divino, é unicamente se elas se fazem, de fato, mediação ou agentes de salvação para esse *seu povo* especial!

Outra *atualidade* da leitura e discernimento teológicos de Habacuc é que o lugar, por excelência, do profeta não pode

restringir-se a falar em nome de um povo, a ser sua voz. Essa solidariedade pode, sem dúvida, constituir-se já num passo a rasgar caminhos de libertação. Mas o ideal que ele detecta e propõe é a inserção na própria vida do oprimido; é poder, a partir deles, falar de *nós* ou de *meu* indistintamente, é ser um deles, é ser um com eles: “ouvi e estremeceu o meu ventre; à voz (tua) tremeram os meus lábios, veio cárie nos meus ossos, e (em) minhas partes inferiores estremeço onde espero por dia de angústia a sobrevir para povo (que) nos assalta” (3,16).

E, sendo o profeta *aquele que ensina a olhar profundamente a vida e a história e nelas descobrir o que Deus está falando*,¹⁵ uma sua significativa função é, antes de tudo, ele mesmo fazer essa nova leitura e discernimento da história, a partir da condição de quem sofre opressão, e levar seus coirmãos oprimidos a fazerem a mesma leitura. E para que façam essa nova leitura, é indispensável que o profeta os leve a apalpar a verdade de toda outra leitura, verdade que tantas vezes não passa, sim, de falácia, de mecanismos de manutenção do *status quo*.

A aparência de estabilidade da injustiça se deve à ignorância e alienação do povo que, embora vítima, acaba dando sustentação e aparência de eternidade ao sistema. As coisas mudam quando o povo compreende que tudo isso pode ser desestabilizado e dar lugar a uma realidade mais justa.¹⁶

Juntamente com esse objetivo, deve ainda o profeta mobilizar seus coirmãos para a luta, pois são eles a mediação com que Javé pode contar em seu projeto libertador a favor deles mesmos. É na *'emuna*, na persistência, decisão, tenacidade, perseverança que o *justo-sadduq* terá condições de viver, ou sobreviver ao *ímpio-raxa'* (2,4b).

O perigo é o justo permanecer passivo, sem acreditar na presença e ação de Deus na história. Contudo, quando o justo percebe essa ação e presença e se descobre como instrumento da ação de Deus, ele passa a ser o novo sujeito, que vai construir uma nova história e uma nova forma de viver em sociedade.¹⁷

E para tanto, o profeta não pode prescindir de incutir em seus coirmãos, por mais que as aparências pareçam apontar na direção inversa, que o mal não é invencível, mas que traz dentro de si, em sua própria constituição ou essência, o princípio da auto-corrosão: “eis que *se decompôs*, não sendo reta, a pessoa dele *nele mesmo*” (2,4a). E a seção dos cinco *ais!* (2,6b-19), na leitura do profeta, presta-se, por definição, para esse desmascaramento do mal, e daí também para o encorajamento do justo em sua luta pela própria libertação.

Outra significativa *atualidade* do profeta é o conceito de prece que o conjunto de sua profecia apresenta. De fato, seu texto abre-se como uma prece, que convenho chamar de *súplica-lamento*:

15. Euclides Martins BALANCIN e Ivo STORNILO. *Como ler o livro de Habacuc*, p.23.

16. *Ibidem*, p.30.

17. *Ibidem*, 24-25; cf. também p.8; 26 e 43; Luiz Alberto Teixeira SAYÃO. *Habacuc e o problema do mal*, p.15; Renatus PORATH. *Profetas, interlocutores indispensáveis neste 'fim da história' - um diálogo com o profeta Habacuc*, p.34.

“até quando, Javé, continuarei gritando por socorro e *não escutarás*, clamarei a ti ‘violência!’, e *não salvarás-toxia’?*” (1,2). E daqui, desse versículo inicial considerado isoladamente, poder-se-ia inferir que numa prece, no caso, de súplica, o necessitado se limitaria a levar a seu Deus a sua necessidade (*gritar — clamar*), e que ao interpelado caberia responder ou realizar o que lhe foi solicitado (*escutar — salvar*), com uma bem caracterizada distinção de função do interpelante e do interpelado.

Todavia, já pelos finais da apresentação de sua proposta profética, quando se vão aclarando sempre mais as dimensões e alcance do papel do próprio oprimido em seu processo de libertação, retorna uma vez mais a súplica: “Javé, ouvi tua fama; temi, Javé, tua obra, em decurso de anos, *faze-a reviver*, em decurso de anos, tornarás conhecida. Em furor, de usar de compaixão lembrar-te-ás” (3,2). E logo à frente, inclusive com recurso à mesma raiz verbal, utilizada na prece-lamento inicial, o profeta consoma sua apresentação do que seja uma prece.

Com efeito, em 1,2, ele suplicava *salvação (toxía’, da raiz yx’)*, e em 3,13a, ele tem a resposta final a esse seu pedido: “saíste para *salvação-yexa’* (da mesma raiz *yx’*) de teu povo, para *salvação-yexa’* com o teu ungido”. Assim, com o desenvolvimento da profecia, vai explicitando-se paulatinamente o campo de atuação do suplicante que, de modo algum, restringe-se a meramente suplicar. Sim, há mister de que ele mesmo se envolva mais intensa e diretamente em seu próprio pedido. Em sua súplica, deve estar presente também sua parcela de busca da resposta ao que está pedindo. Ele *pede* salvação, mas *terá que sair com seu Javé* a perseguir essa salvação suplicada. Deus o atende sim, mas sem prescindir do esforço do suplicante, de também buscar e conquistar o que está pedindo!

Outros elementos de *atualidade* poderia eu continuar garimpando no rico acervo de Habacuc, daquele a quem até há pouco, também eu considerava um profeta *menor*. A bem da verdade, se alguém se achega dele com critérios de quantidade, ele não tem como ultrapassar sua atribuída condição de *menor*. Pois não oferece mais do que três pequenos capítulos ou cinqüenta e seis versículos.

Mas se os critérios, ao invés, forem de qualidade, então já essa atitude corajosa de Habacuc frente à tradição que chegava até ele, de por-se radicalmente contra todo intervencionismo estrangeiro armado como mediação da justiça punitivo-purgativa divina frente a desmandos no seio do povo eleito... já seu posicionamento crítico frente à instituição monárquica e, por dedução, a toda e qualquer instituição... já seu conseqüente descarte da instituição se esta não mais preenche este critério validante de estar a serviço dos mais desvalidos do povo, ainda

que um dia tenha sido considerada como divina... essas atitudes de discernimento e de coragem... essa sua decisão de partir não só da ótica dos oprimidos mas da situação con-vivida com eles, essas suas atitudes já bastariam para fazer dele um profeta maior!

E outros elementos de atualidade, espero, estarão logo à disposição de quem por eles se interessar, na obra que está para emergir das máquinas impressoras, *Habacuc e a resistência dos pobres — tradução crítica do profeta Habacuc*.¹⁸

18. Trata-se de minha tese doutoral, apresentada para a banca examinadora, com o título um pouco diverso: *O pobre oprimido reverte os rumos da história - proposta profética de Habacuc*. Deve vir à luz pela Editora Santuário, de Aparecida, SP.

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO SCHÖKEL, Luís & SICRE DIAZ, José Luís. *Profetas*. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo, Paulinas, 1988, v.1. Isaías, Jeremias (Jeremias, p.409-679).
- BALANCIN, Euclides Martins & STORNILOLO, Ivo. *Como ler o livro de Habacuc, a teimosia do justo*. São Paulo, Paulinas, 1991, 45p.
- CEPPI, Américo. *História do povo de Israel*. Petrópolis, Vozes, 1946. 352p.
- GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo, Paulinas, 1988. 639p. (Bíblia e sociologia 5).
- GRAY, George Buchanan & MUILENBURG, James. "Book of Isaiah". In: HASTINGS, James. *Dictionary of the Bible*. 2ª edição. Edinburgh, T. & T. Clark, 1963, p.424-427.
- HAMLIN, E. John. "Nations". In: BUTTRICK, George Arthur (ed.). *The Interpreter's Dictionary of the Bible — an Illustrated Encyclopedia*. Nashville/New York, Abingdon, 1962, v.3, p.515-523.
- HERMANN, Sigfrid. *Storia di Israele — i tempi dell'Antico Testamento*. 2ª edição. Brescia. Queriniana, 1977.
- JACOB, Edmond. *Théologie de l'Ancien Testament*. 2ª edição. Neuchatel, Delachaux et Niestlé, 1968. 287p.
- LÉON-DUFOUR, Xavier. "Ira". In: LÉON-DUFOUR, Xavier et alii (ed.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis, Vozes, 1972, col.448-455.
- McKENZIE, John L. *Os grandes temas do Antigo Testamento*. Trad. Cácio Gomes e Therezinha Gomes. Petrópolis, Vozes, 1971. 327p.
- MUILENBURG, James. "Jeremiah, the Prophet". In: BUTTRICK, George Arthur (ed.). *The Interpreter's Dictionary of the Bible — an Illustrated Encyclopedia*. Nashville/New York, Abingdon, 1962, v.2, p.825-835.

- PAUL, Shalom M. "Prophets and Prophecy". In: *Encyclopaedia Judaica*. 4ª impressão. Jerusalem, Keter, 1978, col.1150-1175.
- PIERRON, Joseph & GRELOT, Pierre. "Nações". In: LÉON-DUFOUR, Xavier *et alii* (ed.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis, Vozes, 1972, col.637-645.
- PORATH, Renatus. "Profetas, interlocutores indispensáveis neste 'fim da história'— um diálogo com o profeta Habacuque". *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 33 (1993), fasc.1, p.26-36.
- RENCKENS, H. *A religião de Israel*. Trad. Godeberto Crijns. Petrópolis, Vozes, 1969. 291p.
- SALAZAR, Daniel M. *De la protesta a la alabanza — analisis semiótica del libro de Habacuc: la esperanza como el eje de sentido* (tese de licenciatura em Bíblia). Buenos Aires, ISEDET, Facultad de Teología, 1987. IX-176p.
- SCHEDL, Claus. *Geschichte des Alten Testaments*. Innsbruck/Wien/München, Tyrolla, 1962, v.4: Das Zeitalter der Propheten. 474p.
- TEIXEIRA SAYÃO, Luiz Alberto. "Habacuque e o problema do mal". *Vox Scripturae* 3 (1993-mar), fasc.1, p.3-18.
- WOLFF, Hans Walter. *Bíblia Antigo Testamento — introdução aos escritos e aos métodos de estudo*. São Paulo, Paulinas, 1978 (Biblioteca de Estudos Bíblicos 3). 143p.

Pe Domingos Sávio da Silva CSSR
Doutor-Professor de Escritura
Instituto Teológico São Paulo (Itesp)